

LIXO SAGRADO: BREVE RESPOSTA¹²

SACRED WASTE: BRIEF RESPONSE

Irene Stengs³

Quero agradecer a Rodrigo Toniol, Luiza Lince e Daniele Thomaz pela iniciativa de traduzir para o português brasileiro meu artigo "*Material Religion 'In Conversation'*" sobre o Lixo Sagrado (*Sacred Waste*). Sinto-me igualmente muito grata a Julieta Arndt, Giovanna Capponi e Renée de la Torre por repensarem a noção de lixo sagrado, seus méritos, limitações e potencialidades.

¹ Como citar: Como citar: STENGs, Irene. Impressões de Irene Stengs aos comentários sobre seu texto norteador. Lixo sagrado: breve resposta. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 25, n. 46, e151247, 2025.

² O texto norteador referido é: STENGs, Irene. Lixo sagrado. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 25, n. 46, e150453, 2025.

³ Irene Stengs é pesquisadora sênior do Meertens Instituut e professora especial de Antropologia dos Rituais e da Cultura Popular na Vrije Universiteit Amsterdam, nos Países Baixos. Seus principais interesses são novos rituais públicos, produção de memória coletiva, cultura material e construção de patrimônio. Recentemente, organizou com Markus Balkenhol e Ernst van den Hemel o livro *The Secular Sacred: Emotions of Belonging and the Perils of Nation and Religion* (O Sagrado Secular: Emoções do Pertencimento e os Perigos da Nação e da Religião, em tradução livre), publicado pela Palgrave Macmillan em 2020. Também tem refletido sobre a intersecção entre o patrimônio e o sagrado, como nos artigos *The making of religious heritage: Burning churches, fiery emotions, multiple sacralities* (2023; A construção do patrimônio religioso: igrejas em chamas, emoções inflamadas, múltiplas sacralidades, em tradução livre) e *The material heritage of "The Wild Boars Cave Rescue": a case-study of emotions and sacralisation in present-day Thailand* (2024; O patrimônio material do "Resgate dos Wild Boars da Caverna": um estudo de caso sobre emoções e sacralização na Tailândia contemporânea, em tradução livre). E-mail: irene.stengs@meertens.knaw.nl. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2670-0016>

O diálogo (os dilemas da tradução) demonstra claramente que o cerne deste esforço tem sido destacar as complexidades inerentes à tradução de 'lixo sagrado', uma dificuldade que nunca pode ser totalmente resolvida. Formulado na linha de Julieta Arndt: o lixo sagrado tende a escapar da tradução, interpretação e categorização diretas. Giovanna Capponi aborda a questão propondo a pergunta de como as palavras podem soar além do seu significado – e se coisas/matéria/objetos são designados 'academicamente' como lixo, enquanto outros participantes podem atribuir a tais materiais um valor diferente – simbólico, moral, espiritual? Serão estas duas visões totalmente inconciliáveis? – ela questiona. A pergunta se refere à propensão intrínseca, transformadora, instável, imprevisível e, portanto, potencialmente "fora de controle" do lixo sagrado, capturada por Julieta Arndt como ambiguidade ontológica.

As contribuições deixam claro que o lixo sagrado é uma questão de ambiguidade (Arndt, 2025) assim como de ambivalência (de la Torre, 2025). As pessoas podem sentir-se ambivalentes sobre o que fazer com o "produzido acidentalmente" (Chidester, 2014; Arndt, 2025), especialmente quando não existe um protocolo claro. As vinhetas etnográficas de Renée de la Torre mostram alguns dos dilemas que surgem quando sentimentos de afeto, reverência ou apego a objetos religiosos quebrados ou em deterioração complicam o descarte direto. É tocante ler como imagens irremediavelmente danificadas da amada Santa Muerte nunca devem ir para o lixo comum nem desaparecer totalmente. Em vez disso, como um ente querido humano, a santa quebrada deve ser mantida por perto através do sepultamento, enquanto seu rompimento deve ser entendido como uma forma de comunicação enfática. O fato de alguém ter se dado ao trabalho de enviar uma orientação articula uma necessidade sentida mais ampla de nunca falhar em tratar a Santa Muerte da melhor maneira possível. Possivelmente, isso se aplica a qualquer imagem de santo, e a instrução do padre, uma voz de autoridade religiosa, também parte do afeto das pessoas pelos santos e suas imagens quebradas. No entanto, a instrução detalhada de despedaçar totalmente imagens que não podem ser reparadas – que brutalidade! – para que estas

não possam mais ser reconhecidas, fala em voz alta sobre uma tentativa de controlar as crenças populares por meio do controle de seu lixo sagrado. A instrução evoca a pergunta: Que poder potente permaneceria em um santo descartado que ainda pudesse ser reconhecido?

Mas e quando se trata do lixo sagrado de outras pessoas? Os voluntários do Instituto Terreiro Sustentável, que participam da pesquisa de Capponi, não têm dúvidas sobre o tratamento de imagens quebradas de santos e divindades, deixadas por "aqueles da Umbanda" em locais de descarte ritual em reservas naturais perto do Rio de Janeiro: no contexto da crise ambiental e ecológica atual, estas são uma presença poluente. Aparentemente, tais descartes de divindades não são nem ambíguos nem ambivalentes. Uma imagem quebrada deve ser agradecida pela sua proteção, mas agora "é lixo". O impacto transformador do discurso ambientalista é fascinante e longe de ser autoevidente: as pessoas eram antes indiferentes a tais locais de descarte ritual, ou estes eram considerados a ser evitados devido a uma energia perigosa? Será que os ambientalistas de hoje nunca seriam encontrados na natureza selvagem do passado?

Além disso, no caso de objetos ou materiais em museus e instituições de pesquisa ocidentais que nunca mais serão pesquisados ou exibidos, parece não haver ambivalência ou hesitação sobre como tratar esses itens: eles devem ser preservados para a eternidade. Não sendo permitido que se desintegram, muito menos que sejam descartados como 'inúteis', eles nunca se tornarão lixo. Capturado apropriadamente por Capponi como "coleções zumbis", não é permitido que esses objetos morram – mas o que significa tal existência no limbo? Seu *status* sagrado é tal que até mesmo fazer a pergunta é considerado uma ofensa.

Parafraseando Arndt, uma perspectiva sobre objetos/montagens/artefatos/restos como lixo sagrado não é o ponto final, mas sim o ponto de partida para a investigação etnográfica. Eu não poderia concordar mais com ela, quando escreve que há sempre "algo na 'perspectiva nativa' que nos deixa perplexos". As maneiras como o lixo sagrado aparece nas três contribuições testemunham uma eloquente curiosidade e investigação etnográficas,

sensibilizando nossa consciência para as dimensões desconcertantes do tratamento moral, religioso, político ou emocional de questões materiais.

REFERÊNCIAS

ARNDT, Julieta. Comentario al texto de Irene Stengs. Entre la basura y lo sagrado: debates sobre la ambigüedad ontológica de la sacred waste. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 25, n. 46, e149541, 2025.

CAPPONI, Giovanna. Comentário ao texto de Irene Stengs. O lixo está morto, vida longa ao lixo! Sobre as coisas que não são mais a mesma coisa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 25, n. 46, e150254, 2025.

CHIDESTER, David. The accidental, ambivalent, and useless sacred. *Material Religion*, v. 10, n. 2, p. 239-240, 2014. DOI: <https://doi.org/10.2752/175183414X13990269049527>.

DE LA TORRE. Renée. Comentario al texto de Irene Stengs. La basura: punto de inflexión de la vida sagrada de los objetos. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 25, n. 46, e149960, 2025.

Recebido em: 22/10/2025

Aprovado em: 29/10/2025